

# A MATA E A CIDADE: CONSTRUINDO RELAÇÕES EDUCATIVAS CONFLUENTES ENTRE O SOCIAL E O AMBIENTE

106

THE FOREST AND THE CITY: BUILDING CONFLUENT EDUCATIONAL  
RELATIONSHIPS BETWEEN THE SOCIAL AND THE ENVIRONMENT

<https://doi.org/10.51359/2525-6092.2023.255698>

Marina e Silva Lima

[marina.slima@ufpe.br](mailto:marina.slima@ufpe.br)

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Recife – Pernambuco – Brasil

<http://orcid.org/0000-0002-3303-806X>

Amaro Afonso Maia de Albuquerque e Melo

[amaro.afonso@ufpe.br](mailto:amaro.afonso@ufpe.br)

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Recife – Pernambuco - Brasil

<http://orcid.org/0000-0003-4815-5362>

Josias Ivanildo Flores de Carvalho

[josias.carvalho@ufpe.br](mailto:josias.carvalho@ufpe.br)

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

Recife – Pernambuco - Brasil

<http://orcid.org/0000-0001-6920-0797>

LIMA, Marina e Silva; MELO, Amaro Afonso Maia de Albuquerque; CARVALHO, Josias Ivanildo Flores de. A mata e a cidade: construindo relações educativas confluentes entre o social e o ambiente. **Revista Rural & Urbano**, Recife, v. 08, n. 01, p. 106 – 124, 2023. <Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2023.255698> >

*Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença:* <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>



## Resumo

A pesquisa aqui então fundamentada trata-se, de certo modo, de uma homenagem àqueles que lutam diariamente frente às desigualdades sociais que não são nada contemporâneas. No Brasil, o uso e a ocupação do solo desde o período colonial carrega em seu bojo as entranhas de uma classe esbranquiçada e elitista, o que conseqüentemente levou a uma divisão de terras desigual, gerando uma urbanização desordenada. Do ponto de vista ambiental, esse processo brusco de desenvolvimento urbanístico e ação antrópica desenfreada, vem causando o que estudiosos denominam como crise ambiental. Assim, a pesquisa em questão tem como finalidade expor projetos voltados à educação ambiental dentro do ensino de Geografia, em uma recente ocupação erguida às margens do Rio Capibaribe na cidade do Recife, visto que trata-se de uma área sensível e de grande valor ecossistêmico. Aqui trazemos um contexto da disciplina de Geografia atrelada a educação para além das salas de aulas. Para isso, foram criadas oficinas voltadas principalmente ao público infantil, obtendo um resultado próspero quanto à conscientização ambiental dos envolvidos.

**Palavras-chave:** Educação ambiental, ensino de Geografia, desigualdades sociais.

## Abstract

The research based here is, in a way, a tribute to those who struggle daily in the face of social inequalities that are not at all contemporary. In Brazil, the use and occupation of land since the colonial period carries within it the bowels of a whitened and elitist class. From an environmental point of view, this sudden process of urban development and unbridled human action has been causing what scholars call an environmental crisis. Thus, the research in question aims to expose projects aimed at environmental education within the teaching of Geography, in a recent occupation built on the banks of the Capibaribe River in the city of Recife, since it is a sensitive area of great ecosystem value. Here we bring a context of the discipline of Geography linked to education beyond the classroom. For this, workshops were created mainly aimed at children, obtaining a prosperous result in terms of environmental awareness of those involved.

**Keywords:** Environmental education, teaching Geography, social inequalities.

Submetido em 21 de setembro de 2022

Aceito em 22 de dezembro de 2022

## Introdução

Diante a uma faceta globalizada do mundo atual, temos a dinâmica ambiental pautada nos parâmetros sociais e em discussões de cunho científico. Para tanto, dentro dessa temática há

LIMA, Marina e Silva; MELO, Amaro Afonso Maia de Albuquerque; CARVALHO, Josias Ivanildo Flores de. A mata e a cidade: construindo relações educativas confluentes entre o social e o ambiente. **Revista Rural & Urbano**, Recife, v. 08, n. 01, p. 106 – 124, 2023. <Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2023.255698> >

diversas preocupações entranhadas, entre elas o principal anseio atualmente, que é a crise ambiental alastrada pelo mundo, ocasionada pela ação antrópica desenfreada, como menciona Krenak:

Enquanto a humanidade está se distanciando do seu lugar, um monte de corporações espertalhonas vai tomando conta da Terra. Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios. Eles inventam kits superinteressantes para nos manter nesse local, alienados de tudo, e se possível tomando muito remédio. Porque, afinal, é preciso fazer alguma coisa com o que sobra do lixo que produzem, e eles vão fazer remédio e um monte de parafernália para nos entreter, (2019, p.11).

Visto isso, compreende-se que existe uma necessidade de ações educativas e práticas didáticas partindo desse pressuposto, levando em consideração a grande abrangência das problemáticas ecológicas enfrentadas. Propõe-se que tais ações sejam realizadas em espaços urbanos, que encontrem-se em contato direto com a natureza. Essas medidas dariam estímulo e reforçariam popularmente a necessidade das mesmas, adicionando nas rotinas sociais urbanas a racionalização socioambiental.

A reflexão da ação humana no espaço geográfico, abre caminhos para ressignificação desse uso usurpador dos recursos ecossistêmicos, mostrando portas para uma formação ecocidadã, trilhando a partir da Educação Ambiental (EA), atalhos que imprimam uma concepção educacional pautada em crianças, jovens e adultos críticos para com o meio ambiente. (PINHEIRO e TALAMONI, 2018). É sabido também que o espaço geográfico é lugar de ações para o empoderamento de indivíduos que foram e são escludidos dos processos de decisões socioambientais (CARVALHO, 2019).

Muitos confrontos são enfrentados quando trata-se de conservação e preservação ambiental, fatores culturais, políticos, sociais e principalmente econômicos regem essas dificuldades, portanto, confiar essa temática na educação apenas explana o poder que o sistema educacional tem quando bem articulado (COSTA, 2018).

LIMA, Marina e Silva; MELO, Amaro Afonso Maia de Albuquerque; CARVALHO, Josias Ivanildo Flores de. A mata e a cidade: construindo relações educativas confluentes entre o social e o ambiente. **Revista Rural & Urbano**, Recife, v. 08, n. 01, p. 106 – 124, 2023. <Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2023.255698> >

Sob a luz das perspectivas de Freire (2003) apud Costa (2018, 78), a educação pode ser designada como um “modo de intervenção na realidade e um elemento basilar para recriá-la. Em tal processo, haveria a busca contínua da transformação da realidade por meio da ação-reflexão humana.” Ainda é preciso implementar a ecocidadania, Educação Ambiental, aguçando o cidadão a ter uma visão crítica daquilo que está ao seu redor, enfatizando a ação do espaço-sociedade sob o espaço-natural.

Em frente a essas questões, com o acervo teórico e empírico encontrado nos dias atuais, sabe-se que a miséria e as desigualdades sociais não tem devido reconhecimento na sociedade, mas tem local de concentração de grande valia para a dinâmica ambiental, como nos morros e as áreas próximas aos mangue, por exemplo. Nessas localidades estão englobadas favelas que crescem dia após dia, em sua maioria inseridas em áreas de pouca relevância para a estrutura urbana, não vistas como dignas para residir, ou, de interesses econômicos para conglomerados que operam a favor do capital. Souza, (2003 p. 95) afirma que:

para algumas pessoas, uma cidade “desenvolve-se” ao crescer, ao se expandir, ao conhecer uma modernização do seu espaço e dos transportes, ao ter algumas áreas embelezadas e remodeladas. Esquecem-se com muita facilidade duas coisas, os custos sociais e ambientais de tais progressos.

Por esse ângulo, temos a ocupação Chico Lessa, situada na Região Metropolitana do Recife, que sofre com o processo de urbanização em seu contorno, ocasionando danos ambientais severos. Esta ocupação ocorreu dessa maneira, devido a estrutura urbana de habitação desorganizada na cidade do Recife, que, com suas tessituras regadas pela Mata Atlântica, necessita de artefatos vinculados à área educacional que tragam uma maior reflexão aos moradores desta área.

Assim, esse trabalho tem como objetivo central explicar de maneira dialogada as ações ambientais desenvolvidas dentro da ocupação envolvendo o que Cosgrove (2012, p. 236) denomina como “a Geografia está em toda parte” ela está íntima aos olhos de quem vê e como vê, assim, essa relação é composta no simbolismo dos momentos e elementos no espaço geográfico.

LIMA, Marina e Silva; MELO, Amaro Afonso Maia de Albuquerque; CARVALHO, Josias Ivanildo Flores de. A mata e a cidade: construindo relações educativas confluentes entre o social e o ambiente. **Revista Rural & Urbano**, Recife, v. 08, n. 01, p. 106 – 124, 2023. <Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2023.255698> >

Significativamente também, para trabalhar a temática ambiental em confluência com as ações sociais, possivelmente unindo de forma bruta e polida ao mesmo tempo as relações da humanidade com a natureza, buscando assim como se era primordialmente em algumas civilizações nativas, de forma que a tecnologia e conhecimento adquirido no decorrer do tempo, não sejam perdidos e sim aprimorados pelas gerações futuras.

## Metodologia

Considerando os objetivos aqui já supracitados, a pesquisa é desenvolvida sob o bojo de um apanhado teórico com a finalidade de compreender a relação das ocupações e movimentos sociais com elementos educativos amarrados às práticas de Educação Ambiental. Além disso, segue uma metodologia qualitativa-descritiva, tendo além dos subsídios teóricos, as observações, integração e apontamentos dos autores realizadas no local de estudo. Antropólogos chamam de observação participante, ou seja, aquela que se dá por meio da intervenção direta junto às comunidades estudadas (OLIVEIRA, 1988).

Para a realização da observação participante, o pesquisador deve adquirir algumas habilidades e competências, tais como: ser capaz de estabelecer uma relação de confiança com os sujeitos; ter sensibilidade para pessoas; ser um bom ouvinte; ter familiaridade com as questões investigadas, com preparação teórica sobre o objeto de estudo ou situação que será observada; ter flexibilidade para se adaptar a situações inesperadas; não ter pressa de adquirir padrões ou atribuir significado aos fenômenos observados; elaborar um plano sistemático e padronizado para observação e registro dos dados; (QUEIROZ et al, 2007, p. 277).

Dessa forma, sistematizando com o referencial teórico, foram organizados campos exploratórios para conhecimento do local e das pessoas que o fazem, deixando claro também que, parte dos autores do trabalho são ocupantes da área em questão, o que torna o olhar e procedimentos mais aguçados. Como procedimento prático, os campos foram divididos entre conhecer o local e a população, principalmente o público alvo ao qual centralizamos a ação, no caso o público infantil; organização das atividades pedagógicas voltadas à temática ambiental junto à comunidade.

LIMA, Marina e Silva; MELO, Amaro Afonso Maia de Albuquerque; CARVALHO, Josias Ivanildo Flores de. A mata e a cidade: construindo relações educativas confluentes entre o social e o ambiente. *Revista Rural & Urbano*, Recife, v. 08, n. 01, p. 106 – 124, 2023. <Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2023.255698> >

## Resultados e Discussão

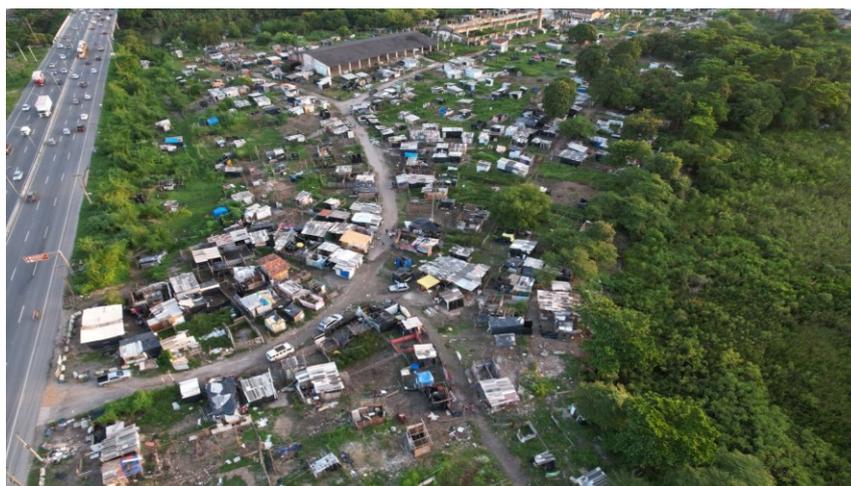
### (Re)conhecendo Chico Lessa e Sua História

Carregando em seu nome um símbolo de luta, uma das mais recentes ocupações da RMR foi denominada a partir de uma homenagem a um advogado vinculado a finalidades sindicais, Francisco Lessa, comunista convicto que não a toa, esteve na linha de frente do Movimento das Fábricas Ocupadas, e sofreu com a repressão por suas lutas em defesa dos trabalhadores.

Assim, a comunidade Chico Lessa integra-se desde o dia 27 de novembro de 2021, localizada às margens da BR-101, na altura do bairro de Apipucos, na Região Metropolitana do Recife - RMR, Zona Norte. O terreno, que possui cerca de 22 hectares, tem em seu contorno as marcas do que já foi um dia, uma fábrica de olaria, onde atualmente tem em média 300 famílias cadastradas e 70 residindo no local, como é retratado no Imagem 01.

O então baixo número de pessoas de fato morando, explana bastante o nível de vulnerabilidade socioeconômica da população que, apesar do cadastro prévio realizado a fim de ter um balanço de quantas possíveis moradias/famílias, poucos são aqueles que têm de fato condições para construir um local com condições um tanto mais adequadas para permanecerem.

### Imagem 1 - Ocupação Chico Lessa



Fonte: Aervo dos autores, 2022.

LIMA, Marina e Silva; MELO, Amaro Afonso Maia de Albuquerque; CARVALHO, Josias Ivanildo Flores de. A mata e a cidade: construindo relações educativas confluentes entre o social e o ambiente. **Revista Rural & Urbano**, Recife, v. 08, n. 01, p. 106 – 124, 2023. <Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2023.255698> >

*Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>*

Com o lema “ocupar, resistir”, a ocupação teve seu despertar junto ao Movimento Urbano dos Trabalhadores Sem Teto - MUST, que adentrou no terreno, antes ocioso, acompanhados de alguns possíveis moradores que viviam até então em casas de aluguel, em bairros nas proximidades do local. De acordo com um então integrante do núcleo de coordenação do MUST, a entrada foi violenta e contou com repressão armada partindo dos seguranças que trabalham na área.

Desde então, a ocupação vem ganhando seu espaço na sociedade e aos poucos os barracos que representam um esperar da casa própria, vão se erguendo, num contexto de luta e muita resistência. O trabalho que o MUST vem deliberando dentro de Chico Lessa é de apoio e organização, um amparo político/informativo que coordena a situação jurídica do terreno, assim como também veicula projetos para melhorias dentro da ocupação.

É nessa abordagem política que os movimentos sociais vêm ganhando espaço. Primeiramente na Europa Ocidental e América do Norte, traçaram seu contorno a partir da redemocratização e lutas de classe, tendo intensa notoriedade em estudos acadêmicos meados dos anos 60, principalmente no Ocidente (GOHN, 1977). Podem ser entendidos como ações populares feitas por pessoas que possuem um mesmo interesse, podendo ser integrado aos mais diversos tipos de temática central e agregam em seu bojo múltiplas instâncias da sociedade (TILLY, 2010).

Segundo um dos formadores do movimento, tudo teve início a partir de uma roda de amigos envolvidos em projetos ou até outros movimentos sociais, que tinham como objetivo lutar contra as desigualdades sociais que geram a escassez de moradia. Moradia essa, que consta como direito no artigo 6º do Texto Constitucional, e referido na Emenda Constitucional nº 26, nos anos 2000 (BRASIL, 1988).

Durante 25 anos, o MUST vem agregando histórias, leituras e releituras de lutas, com ocupações em diversas alturas da RMR abrangendo cerca de 18 mil famílias. São pessoas que dedicam a vida para corroborar com o sonho da casa própria de outros indivíduos, cada um com sua respectiva história e forma de ver o mundo.

LIMA, Marina e Silva; MELO, Amaro Afonso Maia de Albuquerque; CARVALHO, Josias Ivanildo Flores de. A mata e a cidade: construindo relações educativas confluentes entre o social e o ambiente. *Revista Rural & Urbano*, Recife, v. 08, n. 01, p. 106 – 124, 2023. <Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2023.255698> >

## Geografia, Educação Ambiental e os Movimentos Sociais: um entrelace de contextos

Quando se fala de movimentos sociais e educação, nesse caso em específico a Educação Ambiental, mas que de uma forma geral vai totalmente de encontro a práticas pedagógicas e a educação em si, trazer isso atrelado aos movimentos sociais em confluência com a Geografia, é possível observar diversos elementos que se integram.

Os movimentos estão integrados com a questão de território, ou melhor, a má gestão/distribuição do território no espaço geográfico. Território, que pode ser caracterizado como um ambiente em processos construtivos, que possui em sua totalidade as relações mais diversas de produção, consumo e afins (OLIVEIRA, 2007).

Para Oliveira (2007), o território está diretamente vinculado com as lutas de classes desenvolvidas dentro do espaço geográfico,

(...) quando os movimentos sociais ocupam uma propriedade privada, eles estão fazendo exatamente isso, ou seja, eles estão se confrontando com outra classe que são as classes dos proprietários de terra. Então esta é a idéia que não deve ser abandonada, pois é através das lutas sociais que a sociedade se desenvolve, logo é evidente que as situações de conflito estão presentes na sociedade. (OLIVEIRA, 2007, p. 8)

Trazendo o elo entre os movimentos sociais com a educação propriamente dita, Arroyo (2003) faz essa relação a partir da percepção do espaço geográfico em sua universalidade, atrelando-o com a abordagem educacional a partir da disseminação de informação para um olhar crítico da sociedade. O autor discorre sobre a exclusão e desigualdades sociais instauradas na sociedade e de como a falta de acesso à educação priva a população de compreender as injustiças às quais estão submetidos.

Retomando a ideia de território, em contrapartida Souza (2003) traz essa conceituação sob a perspectiva da Geografia Política de que território está intrínseco com as relações naturais e sociais, sendo essas duas vertentes as principais responsáveis por moldar a identidade sócio-cultural da população habitante. Assim, o autor correlaciona de forma indissociável o homem-

LIMA, Marina e Silva; MELO, Amaro Afonso Maia de Albuquerque; CARVALHO, Josias Ivanildo Flores de. A mata e a cidade: construindo relações educativas confluentes entre o social e o ambiente. *Revista Rural & Urbano*, Recife, v. 08, n. 01, p. 106 – 124, 2023. <Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2023.255698> >

natureza, pauta em questão que vem sendo muito discutida no meio acadêmico devido aos impactos da ação antrópica ao natural.

Dessa forma, no Brasil o acesso à moradia digna é alarmante, no caso da cidade do Recife que se estende ao litoral da costa nordestina, e tem um grande potencial de crescimento demográfico com um forte núcleo urbano (PCR, 2000), a situação não é diferente. Assim, o crescimento populacional e o acesso a terra nos centros urbanos estreitam as desigualdades socioeconômicas, o que reforça o desenvolvimento urbanístico irregular, pondo em pauta o nível de vulnerabilidade ambiental de áreas que são valorosas ao meio ambiente (MIRANDA, 2005).

Chico Lessa se enquadra em mais um exemplo do que integra Bitoun e Souza (2015, p. 21) compreendem no tocante a cidade do Recife, “regional, incompleta, periférica e desigual”. A ocupação se estende de maneira desorganizada, em uma situação bastante crítica do ponto de vista ambiental: de um lado o rio Capibaribe, do outro, uma vasta área de mata atlântica.

Portanto, o impacto ambiental induzido pela ação antrópica ao decorrer do processo de urbanização do terreno, é preocupante. Reafirmando o pensamento de Miranda (2005), o excesso de precariedade ao acesso a terra e moradia digna que é consentido sob políticas públicas excludentes e elitista, faz com que a população de baixa renda procure por locais ociosos e consequentemente inapropriados para o desencadeamento de ocupações. Em confluência com os autores, uma moradora relata:

“Não tem pra onde a gente ir, tem que ir pra algum canto. Aonde que eu vou morar com os meus meninos ? O povo acha que a gente gosta de morar na beira do rio é ? É necessidade, minha filha, a gente ta necessitando, ai vamo ocupar mesmo, vai pra beira do rio. Brasil é comer ou pagar aluguel, isso não é vida não! A gente quer casa pra morar!”

Já no tocante a Educação Ambiental - EA, a nível de pequena escala (Brasil) ganha palco para estudos principalmente durante a década de 90, visto a crise ambiental emergente que se alastra não só no Brasil, como também no mundo (RUSCHEINSKY, 2012). Isto posto, as considerações aprofundadas sobre a práxis antrópica no planeta, necessitam, realmente, de uma sistematização de metodologias educacionais voltadas à temática (JACOBI, 2015).

LIMA, Marina e Silva; MELO, Amaro Afonso Maia de Albuquerque; CARVALHO, Josias Ivanildo Flores de. A mata e a cidade: construindo relações educativas confluentes entre o social e o ambiente. *Revista Rural & Urbano*, Recife, v. 08, n. 01, p. 106 – 124, 2023. <Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2023.255698> >

Para Botêlho e Santos (2019, p. 1) “nosso horizonte, ao pensar num processo educativo ambiental, é a busca por uma formação humana, ou seja, que busque formar o sujeito, enquanto indivíduo-coletivo, como partícipe de uma trama societária em permanente estado de vir a ser.” Reigota (2010, p. 5-6) complementa na perspectiva política da Educação Ambiental,

Quando afirmamos e definimos a educação ambiental como educação política, estamos afirmando que o que deve ser considerado prioritariamente na educação ambiental é a análise das relações políticas, econômicas, sociais e culturais entre a humanidade a natureza e as relações entre os seres humanos, visando a superação de mecanismos de controle e de dominação que impedem a participação livre, consciente e democrática de todos. A educação ambiental política está comprometida com a ampliação da cidade, da liberdade, da autonomia e da intervenção direta dos cidadãos e das cidadãs na busca de soluções e alternativas que permitam a convivência digna e voltada para o bem comum.

Contudo, quando alavancarmos as discussões sobre Educação Ambiental no presente trabalho, não nos referimos a uma sociedade utópica, idealizando o que Andrade (2002) aponta como a falsa ideia de transformação do planeta em um “santuário ecológico”, esquecendo/ignorando a fome e a miséria que são cada vez mais intensificadas nos países considerados as favelas mundiais.

Assim como versa o cantor pernambucano Flávio José (1996), “boi com sede bebe lama, barriga seca não dá sono”, aquele que convive com a fome, exclusão e o racismo diariamente, também não se sente motivado a enxergar além de sua realidade.

A situação de vulnerabilidade socioeconômica presente no local deve ser totalmente levada em consideração, visto que, como argumenta Ruscheinsky (2012), para se haver uma verdadeira evolução no que concerne o cenário ambiental, primeiramente, se faz imprescindível a assistência nos demais setores básicos da população, tal como uma sociedade justa e igualitária.

Entende-se também que a situação a qual se encontra não só Chico Lessa como tantas outras em situação de vulnerabilidade socioeconômica, carregam em sua substância a injustiça ambiental, no estreito ao racismo ambiental. De acordo com Herculano (2008) “entende-se por ‘Injustiça Ambiental’ o mecanismo pelo qual sociedades desiguais destinam a maior carga dos

LIMA, Marina e Silva; MELO, Amaro Afonso Maia de Albuquerque; CARVALHO, Josias Ivanildo Flores de. A mata e a cidade: construindo relações educativas confluentes entre o social e o ambiente. *Revista Rural & Urbano*, Recife, v. 08, n. 01, p. 106 – 124, 2023. <Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2023.255698> >

danos ambientais do desenvolvimento a grupos sociais de trabalhadores, populações de baixa renda, grupos raciais discriminados, populações marginalizadas e mais vulneráveis.”

Já o racismo ambiental pode ser sintetizado evidenciando que as problemáticas ambientais têm cor e endereço, como reflete Herculano e Pacheco (2006, p.1) “a expressão suscita estranheza e há quem ache que teria sua dose de oportunismo e “apelação”. Mas olhe a cor da pele de quem mora nas favelas sobre os morros, nos beira-rios e beira-trilhos; olhe a cor da pele de expressivo número dos corpos levados pelas enchentes, soterrados pelos deslizamentos.”

### O saber e o fazer, caminhos, métodos e discussões

Como já introduzido, a ocupação Chico Lessa encontra-se em uma área de densa cobertura vegetal de mata atlântica e nas proximidades de um manguezal, como disposto nas Imagens 1 e 2.

#### Imagem 2 – Caracterização da vegetação nativa



Fonte: Acervo dos autores, 2022.

Mediante a isso, durante o processo de ocupação, por falta de recursos econômicos para a construção dos barracos, a população sem uma orientação ambiental prévia, fez o recorte de

LIMA, Marina e Silva; MELO, Amaro Afonso Maia de Albuquerque; CARVALHO, Josias Ivanildo Flores de. A mata e a cidade: construindo relações educativas confluentes entre o social e o ambiente. *Revista Rural & Urbano*, Recife, v. 08, n. 01, p. 106 – 124, 2023. <Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2023.255698> >

árvores nativas tanto da mata ciliar como também da outra porção de mata atlântica. No demais, a demarcação desordenada de terrenos levou à constituição de barracos muito próximos às áreas de mangue. O uso irregular do solo e dos recursos ecossistêmicos existentes no local, ocasionou, de certo modo, uma diminuição na proteção do Capibar (Imagem 3).

### Imagem 3 – Mata ciliar do Rio Capibaribe

117



Fonte: Acervo dos autores, 2022.

Pensando em gerar ações educativas e orientação ambiental para os ocupantes de Chico Lessa, os autores em parceria com a coordenação de Educação e Cultura do MUST, propuseram ideias de projetos, oficinas e reuniões de orientação quanto ao uso do solo, por meio da Educação Ambiental, prezando por propostas acessíveis de baixo custo e que realmente contribuísse significativamente para população.

De forma antecedente, em Chico Lessa já estava sendo desenvolvido um projeto educacional de uma escolinha dedicada a dar aulas de reforço para as crianças a partir dos 6 anos que quisessem participar. O protótipo, denominado como Educa MUST, tem por objetivo principal

LIMA, Marina e Silva; MELO, Amaro Afonso Maia de Albuquerque; CARVALHO, Josias Ivanildo Flores de. A mata e a cidade: construindo relações educativas confluentes entre o social e o ambiente. **Revista Rural & Urbano**, Recife, v. 08, n. 01, p. 106 – 124, 2023. <Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2023.255698> >

corroborar para alfabetização dos interessados, mas para além disso, também conta com aulas de matemática, artes, música e Geografia. Assim, durante as discussões e interações dentro das aulas de Geografia, as perspectivas ambientais do local tiveram grande atenção.

No íntimo das carências escolares das crianças que frequentam o reforço está, principalmente, a dificuldade na leitura e na escrita, o que colocou em pauta na organização do Educa MUST a busca por pessoas que se dispusessem a colaborar nesse âmbito. De certo modo, por tratar-se de uma ação voluntária dos professores colaboradores ao projeto, a grade de aulas vai se formando a partir dessa disponibilidade de pessoas dispostas. Assim ocorreu com o inserir das aulas de Geografia. Mas, por que a Geografia é relevante nessa circunstância e qual sua relação com a Educação Ambiental?

Nas últimas décadas as discussões sobre o papel da Geografia sucederam reflexões sobre sua importância e papel na sociedade, tal como, o emergir da reformulação das práticas escolares da disciplina, ainda voltadas a uma pedagogia arcaica (CAVALCANTI, 2010). Nesse sentido, a relevância de se discutir Geografia dentro do projeto, para além de ser uma disciplina escolar, está amplamente interligada com o que a ciência geográfica possui em seu bojo, a compreensão da sociedade junto às relações sociais, ambientais, culturais e afins (BOTELHO; SANTOS, 2017).

Para Moura et al (2015) a Educação Ambiental ligada ao ensino de Geografia demonstra a potência entre essas duas ciências para formação de indivíduos cientes de seu papel e impacto na sociedade, mais prudentes em relação ao zelo com a natureza e seus recursos. Os autores conduzem em suas considerações a importância dessa união interdisciplinar frente à necessidade de manifestações de cunho intervencionista a crise ambiental que se transfunde.

Ao todo foram desenvolvidos dois projetos em Chico Lessa, o primeiro denominado como “Doe uma muda de árvore e vamos mudar o mundo”, foi voltada ao público adulto com finalidade de conscientizar as pessoas sobre a retirada inadequada de árvores na mata. Para tanto, integrantes da coordenação do MUST fizeram uma reunião com os moradores de Chico Lessa com orientações ambientais da área, reverberando a importância de se manter a vegetação nativa.

Para intensificar esse pensamento, foi pedido para que cada família tivesse em sua casa um espaço dedicado à área verde com ao menos uma espécie vegetal nativa da mata atlântica. No

LIMA, Marina e Silva; MELO, Amaro Afonso Maia de Albuquerque; CARVALHO, Josias Ivanildo Flores de. A mata e a cidade: construindo relações educativas confluentes entre o social e o ambiente. *Revista Rural & Urbano*, Recife, v. 08, n. 01, p. 106 – 124, 2023. <Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2023.255698> >

demais, visando conseguir a doação de mudas de plantas para repor aquelas que foram tiradas, foi posto uma placa na entrada da ocupação com o nome do projeto.

Em seguida, com a finalidade de integrar as crianças da ocupação com as questões ambientais, realizou-se uma oficina com os participantes do projeto Educa MUT que consistiu no plantio de mudas de árvores nativas. O público alvo foi das mais diversas idades, onde cada um ganhou uma mudinha de planta a qual ficaram responsáveis em plantar e cuidar. A atividade foi executada pelo coordenador de Educação e Cultura do movimento, que mediou a oficina e acompanhou o desenvolvimento das crianças em relação ao zelo com suas respectivas plantinhas (Imagem 4).

#### Imagem 4 – Execução da oficina



Fonte: Acervo dos autores, 2022.

LIMA, Marina e Silva; MELO, Amaro Afonso Maia de Albuquerque; CARVALHO, Josias Ivanildo Flores de. A mata e a cidade: construindo relações educativas confluentes entre o social e o ambiente. **Revista Rural & Urbano**, Recife, v. 08, n. 01, p. 106 – 124, 2023. <Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2023.255698> >

Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>



A participação e integração das crianças com a oficina revelou o que já tanto se debate na academia pelos interessados em educação, o aluno quando posto em um estado de participação de sua aprendizagem, a valoração ao que é aprendido é potencializada. Isso acaba quebrando a ideia de ensino tradicionalista que ainda tão forte, oprime novas formas de ver e executar processos de ensino-aprendizagem, mesmo longe das salas de aula.

Aqui tratamos o processo de ensino-aprendizagem em um ambiente informal de educação, trazendo a contextualidade e essência geográfica para além dos muros da Universidade e até da escola. As crianças que costumam frequentar o reforço do Educa MUST muitas vezes estão buscando o amparo que não se tem em casa ou na escola, o que vai muito além do conhecimento científico que o letramento básico da leitura e escrita pode proporcionar.

No percurso das aulas de Geografia eram sempre prezadas atividades que tivessem em seu bojo metodologias ativas instigando uma aprendizagem significativa da situação a qual as crianças estão inseridas, abordando contexto social, ambiental, político e cultural. Tomou-se como base as reflexões de Freire (2003; 2002) que pontua uma educação libertadora para liberdade, indo contra ao acúmulo aleatório de informações e de que o estudante é um mero ouvinte.

### Considerações finais

Para não concluir, pois, as inquietações aqui explanadas precisam de continuidade, a escrita desse trabalho, desafios, reflexões, experiências e releituras foram desenvolvidas. Estar presente na construção de uma ocupação de seu início aos dias atuais traz um olhar geográfico muito mais apurado. Todo arcabouço teórico estudado dentro das Universidades nos cursos de Geografia denota o tocante ao desenvolvimento urbano e das relações sociais, assim como seus impactos, o uso e ocupação do solo, e as desigualdades sociais escancaradas.

Trazer a educação e fenômenos pedagógicos aqueles que sequer vão à escola, pelos mais diversos motivos, assim como também colaborar com aqueles que vão à escola mas mesmo assim precisam de assistência, é um ato de coragem. Por isso, como acentuado já no resumo do trabalho, aqui trata-se, primeiramente, de uma homenagem.

LIMA, Marina e Silva; MELO, Amaro Afonso Maia de Albuquerque; CARVALHO, Josias Ivanildo Flores de. A mata e a cidade: construindo relações educativas confluentes entre o social e o ambiente. *Revista Rural & Urbano*, Recife, v. 08, n. 01, p. 106 – 124, 2023. <Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2023.255698> >

As colocações aqui propostas contextualizam apenas como Educação Ambiental tal como o ensino de Geografia estão coligados, assim como também podem ser trabalhados em situações e realidades diversas, quando bem adaptados. Quando usamos o adjetivo “adaptado” não nos referimos de modo algum a perda de qualidade quanto aos conhecimentos científicos estudados dentro da Geografia a nível superior, apenas condicionados levando em consideração a vulnerabilidade socioeconômica do local, marcada pelas desigualdades sociais.

Em suma, conclui-se, em mais um trabalho, o racismo ambiental entranhado nas raízes da sociedade brasileira. O desenvolvimento urbano desordenado que tem como centralidade os locais considerados propícios à moradia nas mãos de uma elite excludente, põe em situação de risco famílias que em busca de moradia, vão de encontro a ocupações irregulares em áreas suscetíveis a enchentes, deslizamentos e afins.

Além de serem locais que por muito tempo são esquecidos pelas políticas públicas, logo, há falta de condições dignas para moradia, faltando até coisas essenciais como o saneamento básico. E, para instigar a continuidade da pesquisa: “ocupar, resistir! Pisa ligeiro, quem não pode com a formiga não assanha o formigueiro!”

### Agradecimentos

Dedicamos a comunidade Chico Lessa. O trabalho não seria construído sem o amparo das pessoas que resistem, existem e fazem acontecer todos os dias! Nosso muito obrigada, seremos de Recife para o mundo.

### Referências

ANDRADE, M. C. Espaço agrário brasileiro: velhas formas, novas funções, novas formas, velhas funções. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 11-19, 2002. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123767>>. Acesso em: 6 jul. 2022.

BOTELHO, L. A. V. **A ecocidadania como princípio formativo e propositivo: diálogos necessários para construção de uma escola cidadã**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-graduação em Geografia, Recife, 2021.

LIMA, Marina e Silva; MELO, Amaro Afonso Maia de Albuquerque; CARVALHO, Josias Ivanildo Flores de. A mata e a cidade: construindo relações educativas confluentes entre o social e o ambiente. **Revista Rural & Urbano**, Recife, v. 08, n. 01, p. 106 – 124, 2023. <Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2023.255698> >

BOTÊLHO, L. A. V; SANTOS, F. K. S. Ecocidadania, Educação Ambiental e Ensino de Geografia. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 21, n. 1, p. 54-64, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/22331/pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2022.

BOTÊLHO, L. A. V; SANTOS, F. K. S. Educação geográfica, ecoformação e ecocidadania: a busca por uma sabedoria. **Revista de Ensino de Geografia (Recife)**, Recife, v. 2, n. 2, p. 131-147, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/ensinodegeografia/article/view/242049>>. Acesso em: 28 mai. 2022.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CARVALHO, J. I. F. **Formação inicial de professores de Geografia por meio do PIBID: trajetórias formativas**. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 13. ed. Campinas: Papirus, 2010.

COSGROVE, D.; JACKSON, P. Novos rumos da geografia cultural. In: CORRÊA, R.L;

ROSENDAHL, Z.; (org.). **Geografia cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000, p.15-32.

COSTA, J. J. S. A educação segundo Paulo Freire: uma primeira análise filosófica. **Theoria**, Pouso Alegre, v. 7, p. 72-88, 2016. Disponível em: <<https://www.theoria.com.br/edicao18/06182015RT.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2021.

JOSÉ, F. **Filho do dono**. LBC, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GOHN, M. G. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

HERCULANO, S; PACHECO, T. **Racismo ambiental, o que é isso**. Rio de Janeiro: Projeto

LIMA, Marina e Silva; MELO, Amaro Afonso Maia de Albuquerque; CARVALHO, Josias Ivanildo Flores de. A mata e a cidade: construindo relações educativas confluentes entre o social e o ambiente. **Revista Rural & Urbano**, Recife, v. 08, n. 01, p. 106 – 124, 2023. <Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2023.255698> >

Brasil Sustentável e Democrático: FASE, 2006.

HERCULANO, S. O clamor por justiça ambiental e contra o racismo ambiental. **INTERFACEHS**, São Paulo, v. 3, n. 1, abr. 2008. Disponível em: <<http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/InterfacEHS/wp-content/uploads/2013/07/art-2-2008-6.pdf>>. Acesso em: 28 mai. 2022.

JACOBI, P. R. Meio ambiente, riscos e aprendizagem social. **Cadernos de pesquisa: pensamento educacional**, Curitiba, v. 10, n. 26, p. 346-364, set/dez, 2015. Disponível em: <[https://app.utp.br/cadernosdepesquisa/pdfs/cad\\_pesq\\_26/art\\_15.pdf](https://app.utp.br/cadernosdepesquisa/pdfs/cad_pesq_26/art_15.pdf)>. Acesso em: 28 mai. 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MIGUEL, M. G. Pedagogias em movimento - o que temos a aprender dos movimentos sociais? **Currículo Sem Fronteiras**, v. 3, n. 1, p. 28-49, jan/jun, 2003. Disponível em: <<https://www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articles/arroyo.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

MIRANDA, L. **Desenvolvimento humano e habitação no Recife**. Atlas do desenvolvimento humano no Recife [CD-ROM]. Recife: Secretaria de Planejamento Participativo, Obras e Desenvolvimento Urbano e Ambiental, 2005.

MOURA, P. E. F; MEIRELES, A. J. A; TEIXEIRA, N. F. F. Ensino de Geografia e educação ambiental. **Geosaberes: Revista de Estudos Educacionais**, Ceará, v. 6, n. 11, p. 47-59. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5548040>>. Acesso em: 28 mai. 2022.

OLIVEIRA, A. U. Geografia e os movimentos sociais. **Perspectiva Geográfica**, v. 3, n. 3, p. 7-28, 2000. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/article/view/1284>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

PINHEIRO, M. A. A; TALAMONI, A. C. B (org.). **Educação ambiental sobre manguezais**. São Vicente: UNESP/Instituto de Biociências, 2018.

QUEIROZ, D. T; VALL, J; SOUZA, A. M. A; VIEIRA, N. F. C. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área de saúde. **Rev Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 276-283, jun. 2007. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/bde-14792>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

LIMA, Marina e Silva; MELO, Amaro Afonso Maia de Albuquerque; CARVALHO, Josias Ivanildo Flores de. A mata e a cidade: construindo relações educativas confluentes entre o social e o ambiente. **Revista Rural & Urbano**, Recife, v. 08, n. 01, p. 106 – 124, 2023. <Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2023.255698> >

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. Brasiliense, 2009.

RUSCHEINSKY, A. **Educação ambiental: abordagens múltiplas**. Penso, 2012.

SOUZA, M. A. A. (Org.) **Recife: transformações na ordem urbana**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

SOUZA, M. J. L. O território sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. *In*: CASTRO, I. L.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. **Geografia: conceitos e temas**. 6<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 77-117.

SOUZA, M. L. **ABC do Desenvolvimento Urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

TILLY, C. Movimentos sociais como política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 3, p. 133-160, jul. 2010. Disponível em:  
<<https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/1677/1475>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

LIMA, Marina e Silva; MELO, Amaro Afonso Maia de Albuquerque; CARVALHO, Josias Ivanildo Flores de. A mata e a cidade: construindo relações educativas confluentes entre o social e o ambiente. **Revista Rural & Urbano**, Recife, v. 08, n. 01, p. 106 – 124, 2023. <Disponível em <https://doi.org/10.51359/2525-6092.2023.255698> >

*Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Texto da licença: <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>*